

A LINGUAGEM MÍTICA NO DISCURSO ROSIANO: DIÁLOGO, RE-ESCRITA-LEITURA.

Noemi Campos Freitas Vieira *

A multiplicidade de experiências possíveis de serem vivenciadas no âmbito do universo ficcional aponta para a instauração de uma realidade apreendida no imaginário, que se apresenta via linguagem poética. A representação do real cotidiano coexiste com um novo real – oferecido na trama textual por meio de imagens, seres e discursos – propiciando uma transposição de temas em direção a um reconhecimento e uma revelação de experiências simbólicas permeadas de um valor mítico¹, imbuídas de valores exemplares e de lições ontológicas.

A narrativa mítica apresenta-se, portanto, como forma de apreensão do mundo, do ser e do viver, como um relato de um processo vivido e experimentado por meio da linguagem. O mito projeta seu próprio mundo significativo, com seus valores culturais, éticos, morais, religiosos e ontológicos, pressupondo instâncias discursivas – tempo, espaço, sujeito e linguagem – pertinentes a esse mundo imaginário, revelador de resgates feitos ao longo de uma trajetória rumo ao primordial, ao original e inefável.

Cabe aqui notar a riqueza com que esse mundo, prenhe de significações, apresenta-se como uma imagem, na qual instauram-se verdades e projetam-se as experiências vivenciadas por meio da linguagem. A esse respeito é pertinente observar as considerações de Cunha:

Assim, imagem, em um sentido mais amplo, vai ser entendida como uma instauração de verdades. [...] Nesse momento, a palavra – que viabiliza a imagem – torna-se um novo objeto, capaz de induzir o poeta a novos sentidos. Esses vão referenciar realidades outras que, recriadas pelo

* Graduada no curso de Letras do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisadora no Projeto de Pesquisa ILEEL/UFU intitulado “Um tecelão ancestral: Guimarães Rosa e o discurso mítico”, sob orientação da Profª Drª Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha.

¹ Cf. CRIPPA, Adolpho. In: *Mito e cultura*: “Os mitos não se apresentam como uma possível explicação ou interpretação da realidade e dos acontecimentos. [...] Os mitos reproduzem ou repropõem gestos criadores e significativos, que permanecem, sustentando a realidade constituída.” p. 18

*momento e pela palavra poética, tornam-se imagens, que cristalizam e eternizam as concepções experimentadas pelo eu poético.*²

O texto-imagem coloca-se, assim, como campo de confluências e de tensões discursivas, refletindo uma multiplicidade de vozes emergentes, instaurando processos dialógicos de diversas amplitudes, que conduzem a uma revisitação mítica da ancestralidade do patrimônio imagístico interno ao próprio poeta e, neste mundo imaginário, como em um processo epifânico, questionam a origem do ser e do viver e, com ela, a palavra original.

No que concerne à linguagem, o poeta toma como missão a revitalização da palavra que, no uso corrente da língua, torna-se desgastada, como observa, lucidamente, Coutinho: *O processo de evolução da linguagem tem demonstrado que as palavras começam sendo poéticas, e acabam como puros conceitos. [...] A missão do poeta é, então, revitalizar a palavra, fazê-la recobrar a sua expressividade originária.*³

No encalço dessa revitalização da palavra e, também, como forma de apreensão do mundo, dos seres e das coisas, Guimarães Rosa, no conto *Nenhum, nenhuma*⁴, descreve o percurso mítico – enquanto retorno a uma originalidade significativa – vivenciado pelo narrador em uma experiência ontológica singular. Tal experiência é narrada por meio de um jogo, no qual disputam o tempo ordinário-cronológico e o mítico-abstrato: o discurso do narrador revela uma trajetória inusitada oscilando entre um “cá” e um “lá”. Estas instâncias espaciais são apreensíveis por meio de enunciações entrecortadas por comentários elucidados, inclusive, na forma gráfica no texto escrito (a voz do narrador no tempo da escritura diferencia-se da voz do mesmo narrador

² CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da. *A poética da natureza na obra de Eluard e Bandeira*. São Paulo: Annablume, 2000, p. 28

³ COUTINHO, Eduardo. Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem. In: COUTINHO, Eduardo (org.) *Guimarães Rosa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 204

⁴ ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ao colocar-se no tempo narrado). O narrador do tempo narrado e, portanto, instalado no tempo mítico do retorno, move-se no relato através do olhar e das experiências do Menino.

*Porque, primeiro, todos pensavam esconder-lhe o que havia num determinado quarto, e mesmo o passo do corredor para onde dava aquele quarto. A dúvida que isso marcou, no Menino, ajuda-o agora a muito se lembrar.*⁵

Tem-se aqui, como marca explícita de um processo dialógico, vozes que se confrontam e se aliam em um jogo dialético, no qual se busca, por meio de tensões discursivas, a elucidação dos acontecimentos experimentados e, com ela, o apaziguamento diante do que constata o narrador: *nenhuns olhos têm fundo; a vida, também, não*⁶.

A trajetória mítica é, por excelência, uma trajetória que transcende a representação simbólica proposta pela linguagem, pois carrega uma experiência vivida, designando uma mudança de estado, em busca de uma vivência inusitada e de um retorno ao original, ao princípio fundador. Esta trajetória se faz no sentido da reversibilidade do tempo, que conduz a uma desconexão daquilo que se tem e se entende por “real” que, no âmbito de uma compreensão da vivência do cotidiano, está condicionado a uma ordem espaço-temporal finita e imutável. Essa reversibilidade temporal remete à noção de *presentificação*, entendida por Lefebvre, como

*efeito último do discurso literário [...], a emergência, através da e na linguagem, dessa Realidade ambígua.[...] A Realidade estética [...] repousa sobre uma experiência: a de instantes privilegiados, a da arte*⁷.

Como experiência, a trajetória mítica conduz a uma travessia da realidade cotidiana, historicamente verificável, para *uma Realidade metafísico-estética*, utilizando-se ainda a terminologia de Lefebvre.

⁵ ROSA, J.G. op. cit., p. 99 [grifo do autor, no original]

⁶ Ibidem, p. 99

⁷ LEFEBVRE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1980, p. 130, 131

“Estar” e “andar” *naqueles remotos, já peremptos anos*, remete a uma revisitação, por meio do *difícil clarão reminescente*, de um tempo e de um espaço primordiais, aludindo a uma viagem conduzida pela memória e pela passagem da experiência mítica, da qual resulta a consciência *ferida* deste Menino, designando, portanto, a singularidade de uma mudança de estado.

*Tudo não demorou calado, tão fundamente, não existindo, enquanto viviam as pessoas capazes, quem sabe, de esclarecer onde estava e por onde andou o Menino, naqueles remotos, já peremptos anos? Só agora é que assoma, muito lento, o difícil clarão reminescente, ao termo talvez de longuíssima viagem, vindo ferir-lhe a consciência.*⁸

Considera-se, nesta dimensão, a narrativa mítica cosmogônica: a criação de um novo mundo no âmbito do imaginário, proporcionando um reencontro com a linguagem original, com uma condição primitiva, pura, do primeiro verbo. Essa transposição singular, proposta pela narrativa mítica, tem como via de acesso o discurso poético comunicando o inefável. O Menino testemunha a força significativa do mito na figura da Velha; ele *tem de insistir-se o esforço para algo lembrar*⁹, na busca de sentido para aquele ser com quem se depara. A experiência toma lugar na memória, expressa por meio do discurso narrado, o do Menino, transposto para aquele do narrador, no tempo da escrita

*Era uma velhinha – de história, de estória – velhíssima, a inacreditável. Tanto, tanto, que ela se encolhera, encurtara-se, pequenina como uma criança, toda enrugadinha, desbotada [...] Tranqüilizavam-no, diziam: a velhinha não era a Morte, não. Nem estava morta. Antes, era a vida. Ali, num só ser, a vida vibrava em silêncio, dentro de si, intrínseca, só o coração, o espírito da vida, que esperava. Aquela mulher ainda existir, parecia um desatino de que ela mesma nem tivesse culpa.*¹⁰

Nessa subjetividade, vivencia-se um afastamento do “real” em um processo de descondicionamento da instância temporal, linear e cronológica, favorecendo um passo iniciático em direção ao “outro”, a um *eu* modificado no percurso da narrativa mítica.

⁸ ROSA, J.G. op. cit., p. 98.

⁹ Ibidem., p. 100

¹⁰ Ibidem., p. 100,101. passim

O espaço, em que se desenrolam os acontecimentos narrados no conto, não se prende a uma configuração verificável, como se poderia presumir no início do enredo, quando o narrador se refere a uma casa na fazenda. Assim como o tempo do relato, na narrativa mítica, transcorre em uma instância atemporal, tem-se a desespacialização, construindo uma imagem que propicia um acontecimento, em suspensão: experiências que afloram em um momento singular diante da linguagem poética. Note-se a sutileza com que Rosa *presentifica* este mundo imaginário, logo nas primeiras linhas do conto:

*Dentro da casa-de-fazenda, achada, ao acaso de outras várias e recomeçadas distâncias, passaram-se e passam-se, na retentiva da gente, irreversos grandes fatos – reflexos, relâmpagos, lampejos – pesados em obscuridade.[...] Ou talvez não tenha sido numa fazenda, nem do indescoberto rumo, nem tão longe? Não é possível saber-se, nunca mais.*¹¹

Esta linguagem insólita, com a qual lida Guimarães Rosa, aponta para uma exploração do inexplorado. Os *irreversos grandes fatos* apontam para acontecimentos insólitos, ocorridos em um momento primordial, e que, por pertencerem a um tempo fabuloso, peculiar ao mito, não se prendem ao passado, tão pouco ao futuro, pois *passaram-se e passam-se na retentiva da gente*. Segundo Coutinho, o poeta trata de *descobrir esta linguagem e revelá-la*, [...] pois *é mediante a criação da linguagem que o poeta renova o mundo*¹². Por meio deste tratamento de alquimia da palavra, pode-se vislumbrar a presença do mito como uma possibilidade de transposição simbólica e de recuperação de experiências e imagens pertinentes ao “ser” e “vir-a-ser”: como experiência preciosa e significativa para a conduta humana, espelhando a busca de uma identidade interna emergente da revisitação de arquétipos e de lições ontológicas traduzidas via texto ficcional.

A figura do Menino remete à representação simbólica do espírito inquieto e perspicaz que, em um tempo-espaço mítico, vê-se diante de um Ser, representado pela figura da Velha, na qual

¹¹ ROSA, J.G. op. cit., p. 97

¹² COUTINHO, Eduardo. Op. cit., p. 207

se resume a própria significação da vida. O narrador, através do olhar do Menino, revela a substância da ancestralidade, contida na anciã, que *antes, era a vida. Ali, num só ser, a vida vibrava em silêncio...*¹³. O ponto de encontro entre seres singulares e contingentes é também explorado por Rosa por meio da figura da Moça, representação do ponto intermediário do ciclo renovador da vida: um símbolo do florescimento vital e da preservação. Nela transborda a vida e floresce o amor pela vida. Assim a vê o Menino em uma bela passagem, na qual a água contida em um copo reenvia à imagem da própria Moça.

*A Moça trazia a água, vinha com nas duas mãos o copo cheio às beiras, sorrindo igual, sem deixar cair fora uma única gota – a gente pensava que ela devia de ter nascido assim, com aquele copo de água pela borda, e conservá-lo até a hora de desnacer: dele nada se derramasse.*¹⁴

A propósito da representatividade masculina neste universo, apresentam-se o Moço e o Homem velho, como figuras pontuais no cenário mítico que no conto se desenha. A imagem criada em torno do velho como um *homem sem aspecto*, recorre a uma presença, impassível, de uma humanidade sempre presente, alegoria da natureza de cada um dos seres manifestos na narrativa: *o homem sem aspecto tenta agora parecer-se com outro – um desses velhos tios ou conhecidos nossos, deles o mais silencioso*¹⁵. O Moço, figura da travessia da infância para a maturidade, assemelha-se à Moça, por seu caráter particularmente cíclico, em relação ao Menino: *a Moça e o Moço, quando entre si passavam-se um embebido olhar, diferente do dos outros; e radiava em ambos um mundo igual, parecido.*¹⁶

O universo mítico assim delineado configura um acontecimento cíclico em torno da Velha Nenha, em quem se encerra um retorno à ancestralidade, uma travessia mítica em direção às origens do Ser e do Viver. Considera-se, neste sentido, as perplexidades entendidas no âmbito da

¹³ ROSA, J.G. op. cit., p. 100,101

¹⁴ Ibidem., p. 102

¹⁵ Ibidem., p. 98

¹⁶ ROSA, J.G. op. cit., p. 99

linguagem poética, por meio da qual *o poeta renova o mundo*, instaurando-o ao nomeá-lo. Vale citar as considerações de Reyes, neste sentido:

*De fato, as perplexidades da ficção literária serão entendidas no âmbito do uso da linguagem. Dar nome a algo é criar-lhe uma existência. O status ontológico da ficção é um status lingüístico: entidades, seres, mundos, palavras, tudo aquilo de que trata o discurso, existe enquanto nomeado.*¹⁷

Nenha, a Velha, designa o acolhimento de todos os seres e de nenhum deles, simultaneamente. Seu nome, como um radical, como essência primordial de todos, abarca a conjugação pronominal inscrita no título do conto: deste modo, Nenha é Nenhum, Nenha é Nenhuma. Neste conto rosiano, a aventura mítica de reconhecimento de um “outro” é revelada como busca de uma significação preciosa e modelar almejada, a fim de desvendar a verdadeira identidade por detrás de máscaras. As representações arquetípicas resgatadas por meio da nomeação dos seres, confere ao conto um estatuto de imagem, na qual o mito atualiza-se. Cabe salientar a preciosa contribuição de Ramos, em suas considerações em torno do arquétipo

*O que importa observar é que, na qualidade de “possibilidades de sentido”, são os arquétipos o fator da ‘imagem’ no inconsciente coletivo, o qual, atualizando-se em mitos, gera uma inesgotável produção de variantes que constituem a riqueza do imaginário cultural.*¹⁸

Encaminha-se, nessa relação de alteridade, uma experimentação e uma revelação do insólito desses sujeitos textuais¹⁹. O Menino vivencia uma experiência significativa e exemplar diante do ser original, *presentificado* por meio da Velha Nenha: confluência intersubjetiva do eu mítico – o Menino – transcrita para a linguagem poética, cujas imagens se abrem para possibilidades de acréscimos de significados. Dá-se, portanto, na perspectiva do Menino, um

¹⁷ REYES, Graciela. *Polifonía textual: la citación en el relato literario*. Madrid: Gredos, 1984, p. 18 [N.A: as citações desta obra foram tomadas do original em espanhol e por mim traduzidas para fins deste trabalho.]

¹⁸ RAMOS, Maria Luiza. Arquétipos e imagens primordiais em Jung. In: *Interfaces: literatura, mito, inconsciente, cognição*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 40

¹⁹ Cf. Reyes, 1984, p. 39,40: “... esse sujeito constituído pelo discurso e no discurso é um sujeito textual: um sujeito separado e alienado...”

instante de alumbramento, ao recolher em si toda a carga representativa dos seres envolvidos na experiência vivida:

Reperdida a lembrança, a representação de tudo se desordena: é uma ponte, ponte, – mas que, a certa hora, se acabou, parece' que. Luta-se com a memória. Atordado, o Menino, tornado quase incôscio, como se não fosse ninguém, ou se todos uma pessoa só, uma só vida fossem: ele, a Moça, o Moço, o Homem velho e a Nenha, velhinha – em quem trouxe os olhos.²⁰

Este momento epifânico, cujas sensações de estranhamento e de gozo se mesclam, encaminham a um passo iniciático dado, em busca do eu mítico, que aflora no retorno à sua condição real ao regressar à casa dos pais, marcando um possível desfecho, ainda que não em definitivo, da jornada mítica experimentada.

E eu precisei de fazer alguma coisa, de mim, chorei e gritei, a eles dois: – “Vocês não sabem de nada, de nada, ouviram?! Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!...”²¹

O Menino depara-se com a essência primordial da realidade do ser e do vir-a-ser como sendo esse fluir espiritual experimentado no retorno mítico, denotando a comunicação de uma transcendência abstrata – mas que nem por isso deixa de ser essencialmente verdadeira porque é sentida e apreendida – neste exercício de instauração de um novo real sensível providenciado pelo discurso poético. A linguagem insólita coloca-se como veículo comunicador do indizível e como criadora de um estado singular e universal: a palavra mítica, por excelência.

Considera-se, finalmente, que o tempo, o espaço, o sujeito e a linguagem são instâncias que se apreendem no imaginário mítico, situando-se em uma dimensão especial e contingente, cuja cultura, ética, moral e realidade ontológica apresenta configurações próprias, singulares e pertinentes a um mundo viável porque possibilita a recuperação de lições caras e significativas ao comportamento humano, comunicáveis e apreensíveis por meio do código literário.

²⁰ ROSA, J.G. op. cit., p. 104

²¹ Ibidem., p. 106.

Referência Bibliográfica

- BRUNEL, Pierre (org.) *Dicionário de mitos literários*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- COUTINHO, Eduardo. Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem. In:
- COUTINHO, Eduardo (org.) *Guimarães Rosa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CRIPPA, Adolfo. Mito e cultura. São Paulo: Convívio, 1975
- CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da. *A poética da natureza na obra de Eluard e Bandeira*. São Paulo: Annablume, 2000.
- ELIADE, Mircea. A estrutura dos mitos. In: *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FIORIN, José Luiz. In principio erat uerbum. In: *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999. (Ensaio)
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.